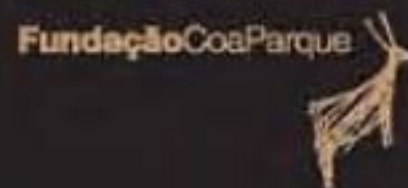


발간등록번호

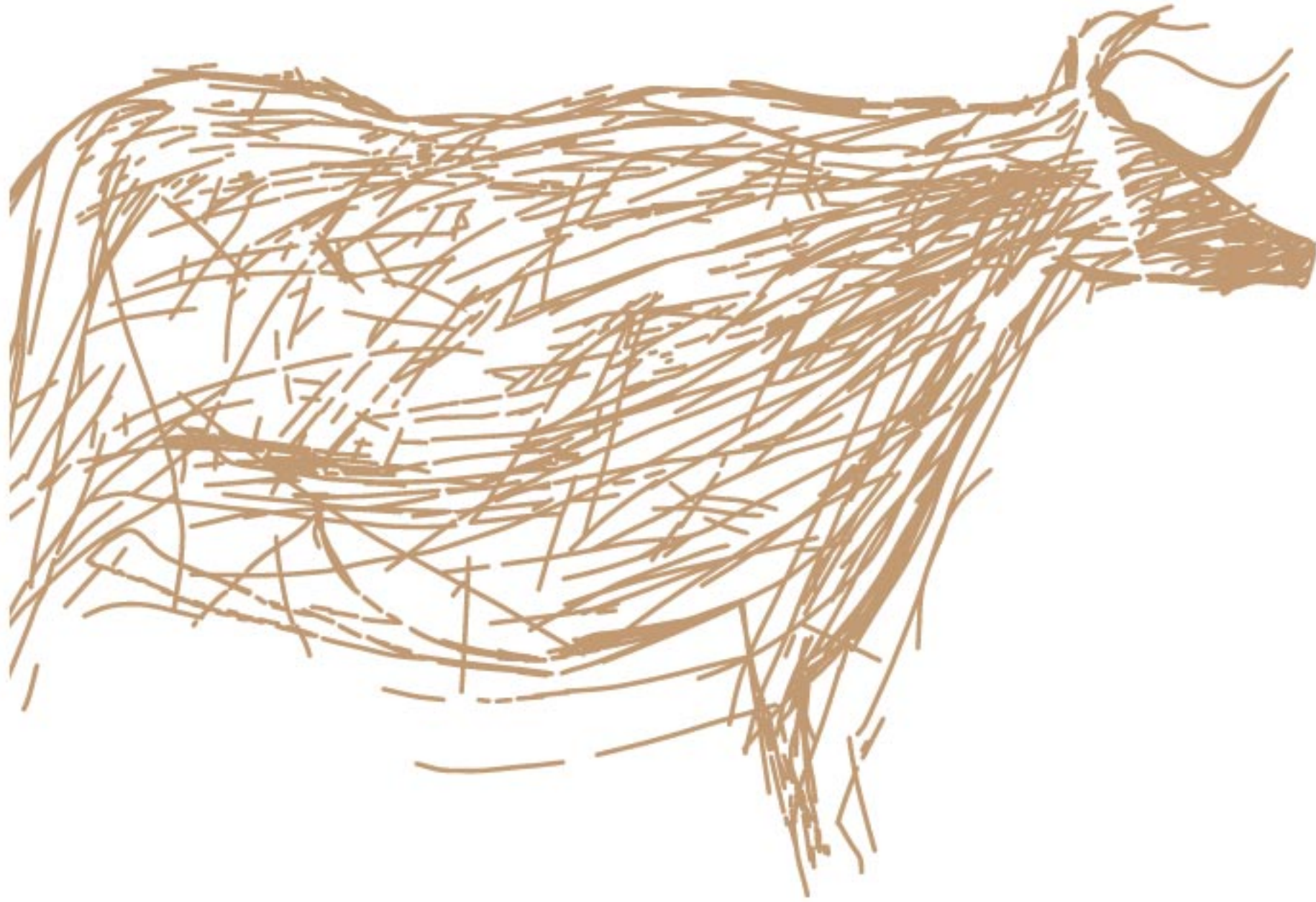
57-6310000-000452-01



기적의 바위그림, 코아계곡의 암각화

Arte Rupestre do Vale do Côa





기적의 바위그림, 코아계곡의 암각화

Arte Rupestre do Vale do Côa

일러두기

1. 이 도록은 울산암각화박물관 2015년도 특별전 “기적의 바위그림, 코아 계곡의 암각화”의 전시도록이다.
2. 도록에 실린 사진과 도면 등의 저작권은 명시된 소유자들에게 있다.
3. 암각화박물관에서는 저작권자에게 제공받은 원고를 우리말로 번역하여 내용을 재구성하였다.
4. 지명과 인명, 용어 등은 원문 원고를 바탕으로 삼았으며, 정확한 발음 등을 알 수 없는 것은 영문을 기준으로 삼았다.

* 본 도록은 암각화박물관에서 저작권자로부터 사용 승인을 받아 제작한 것으로 다른 용도로 무단 복제하는 것을 금한다.

기적의 바위그림, 코아계곡의 암각화

Arte Rupestre do Vale do Côa

“기적의 바위그림 코아 계곡의 암각화” 특별전

Exposição “Arte Rupestre do Vale do Côa”

포르투갈 Portugal

전시총괄 **Comissário da Exposição**

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista

전시진행 **Vice-Comissário da Exposição**

안토니오 바타르다 페르난데스 António Batarda Fernandes

원고 **Textos**

안토니오 바타르다 페르난데스 António Batarda Fernandes

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista

루이스 루이스 Luís Luís

티에리 오브리 Thierry Aubry

사진 **Fotos**

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista

호세 리베리오 교수 사진 아카이브 Arquivo Prof. José Ribeiro

조지 S. 바로스 Jorge S. Barros

호세 파울로 루아스 José Paulo Ruas

티에리 오브리 Thierry Aubry

도면 **Desenhos**

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista

포르투갈국립암각화연구센터 CNART

페르난도 바르보사 Fernando Barbosa

루이스 루이스 Luís Luís

마리오 바렐라 고메스 Mário Varela Gomes

티에리 오브리 Thierry Aubry

지도 **Mapas**

페르난도 바르보사 Fernando Barbosa

조르게 삼파이오 Jorge Davide Sampaio

티에리 오브리 Thierry Aubry

페나스코사 3번 바위 복제 호세 루이스 루소 Réplica rocha 3 da Penascosa: José Luís Russo

전시유물 3D 모델링 드라이스 옥토펜탈라 Modelos 3D das placas de arte móvel e peças líticas: Dryas Octopetala

한국 Coreia

기획총괄 이상목 Coordenador: Sangmog Lee

전시진행 신주원 Exposição: Joowon Shin

학술대회 최윤진 Simpósio: Younjin Choi

시설지원 강원만 Apoio Técnico: Wonman Kang

행정지원 임규수, 김진순 Apoio Administrativo: Kyusu Im, Jinsoon Kim

전시보조 김양선, 문영준 Assistentes: Yangseon Kim, Youngjun Moon

“기적의 바위그림 코아 계곡의 암각화” 전시도록

Catálogo da Exposição “Arte Rupestre do Vale do Côa”

편집인 Editores

이상목 Sangmog Lee

안토니오 마르티노 밥티스타 & 안토니오 바타르다 페르난데스 António Martinho Baptista e António Batarda Fernandes

도록원고 Textos

안드레 토마스 산토스 André Tomás Santos

안토니오 바타르다 페르난데스 António Batarda Fernandes

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista

안토니오 폰테 António Ponte

조르게 삼파이오 Jorge Davide Sampaio

루이스 루이스 Luís Luís

마리오 레이스 Mário Reis

티에리 오브리 Thierry Aubry

사진 Fotografias

안토니오 바타르다 페르난데스 António Batarda Fernandes

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista,

호세 리베리오 교수 사진 아카이브 Arquivo Prof. José Ribeiro

제이미 안토니오 Jaime António

조지 S. 바로스 Jorge S. Barros

조르게 삼파이오 Jorge Davide Sampaio

호세 파울로 루아스 José Paulo Ruas

마리오 레이스 Mário Reis

티에리 오브리 Thierry Aubry

도면 Desenhos

안토니오 마르티노 밥티스타 António Martinho Baptista

포르투갈국립암각화연구센터 CNART

페르난도 바르보사 Fernando Barbosa

루이스 루이스 Luís Luís

마리오 바렐라 고메스 Mário Varela Gomes

티에리 오브리 Thierry Aubry

지도 Mapas

페르난도 바르보사 Fernando Barbosa

조르게 삼파이오 Jorge Davide Sampaio

마리오 레이스 Mário Reis

티에리 오브리 Thierry Aubry

발행처 **울산암각화박물관** **Edição de Ulsan Petroglyph Museum**
254, Bangudae-an-gil, Dudong-myeon, Ulju-gun, Ulsan, Korea TEL. +82-52-229-4797 FAX. +82-52-229-4799
<http://bangudae.ulsan.go.kr/>

디자인 제작 **테이크엠** Design & Publicação: TakeM takemdesign.com

발행일 2015. 9. 8

목차 Índice

인사말	Prefácio	이상목	Sangmog Lee	09
축사	Apresentação	안토니오 폰테	António Ponte	13
전시개요	Apresentação	안토니오 마르티노 밥티스타	António Martinho Baptista	16
코아 계곡의 암각화 고고학			안토니오 마르티노 밥티스타	29
A arqueologia rupestre no Vale do Côa			António Martinho Baptista	33
코아 계곡 고고학 공원과 암각화 유적 방문 시스템			안토니오 마르티노 밥티스타	36
Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC): O sistema de visita aos sítios rupestres			António Martinho Baptista	41
코아 계곡의 최초 공동체			티에리 오브리	43
Premières communautés et art paléolithique de la Vallée du Côa			Thierry Aubry	60
코아 계곡의 구석기 미술			안드레 산토스	68
A arte paleolítica do Vale do Côa: breve síntese			André Tomás Santos	80
전쟁의 미술, 기원전 천년 끝자락의 코아 계곡			루이스 루이스	90
Uma arte da guerra, O Vale do Côa no final do I Milénio a.C.			Luís Luís	106

코아 암각화와 고고학 조사	마리오 레이스	115
Prospecção arqueológica e a evolução do inventário da arte rupestre do Côa	Mário Reis	135
야외 암각화의 보존 코아 계곡 암각화 실험 사례	안토니오 바타르다 페르난데스	149
Open-air rock-art conservation: Present issues and possible solutions with regard to the Côa Valley rock-art complex	António Batar da Fernandes	158
온라인 플랫폼을 활용한 홍보	안토니오 바타르다 페르난데스	164
The Côa Museum and Archaeological Park Public outreach efforts through the use of online platforms	António Batar da Fernandes	178
코아 미술 25,000년 이후	조르게 다비데 삼파이오	187
A arte no Côa, 25 000 anos depois	Jorge Davide Sampaio	194
코아 박물관	안토니오 마르티노 밥티스타	195
O Museu do Côa	António Martinho Baptista	206
참고문헌 Bibliografia		212

코아 박물관

O Museu do Côa

안토니오 마르티노 밥티스타

António Martinho Baptista

고고학자들의 설계로 엄격한 과학적 담론인 코아 구석기 미술의 특성과 독창성, 고대성 그리고 왜 코아가 지난 세기 유럽의 가장 중요한 고고학 발견 인지를 중점적으로 다루고 있다. 박물관은 연구결과물에 따라 늘 새롭고 독창적인 요소를 적용하면서 끊임 없이 변화하고 있다.

라이트 박스의 여러 사진과 그림, 영상을 포함한 전시 외에도, 암각화 그림은 박물관 내벽의 인공조명과 형광등 아래에서 코아 미술의 미학을 강조하며 곳곳에 드러나 있다. 또한 전시된 고고학 자료에 대한 이해력을 돕기 위해 모형들이 제작되었다. 이런 모형들은 오늘날 고고학 및 암각화 박물관에서 흔하게 볼 수 있다. 우리는 진짜 박물관은 결국 그 자체라고 생각한다.

박물관의 첫 전시 프로그램은 재정적인 문제로 3년 동안 닫혀있었던 D 전시관이 최근 다시 문을 열면서 고대 코아의 가장 상징적인 미술에 대한 2개의 전시 모형이 추가되었다. 현재 코아 박물관은 후기구석기 및 철기시대 암면에 대해 6개의 모형을 소유하고 있다. 철기시대의 모형은 포시노 댐으로 인해 30년 이상 수몰되어 온 발레 다 카사 바위 10호를 본 뜬 것이다. 본 모형은 1982년에 라텍스 틀로 제작되었는데 오래된 기록 방법 역시 유효하다는 것을 보여준다. 현재는 실리콘과 레이저 스캐닝으로 대체되었다.

박물관은 미술 및 고고학 박물관이기에 상설전시회에는 두 명의 현대 미술가의 작품을 포함하고 있다. 2011년 고인이 된 안젤로 데 수사의 마지막 작품인 거울 4점과 알베르토 카르네이로의 만달라(코아 계곡 관화가들을 위한 나무)조형물이며, 마지막 전시실에 전시된 현대 작품들로 관람을 마무리 지어 고대 미술과 현대 미술을 이어준다. 이는 현대 미술과 사진을 3개의 특별실에 전시한 이유이다.

운영모델

코아 박물관은 포르투갈 정부에서 공공 건설로 추진하였고, 개관 당시에는 건축고고학유산관리연구소에 의존해 운영되었다. 그러나 2011년 9월 문화부 장관이 이사회에 경영 이사장과 비상임 이사 2명을 지명함으로써 사실상 정부가 이전에 세운 코아 공원



사진 8. 도우루강의 유람선에서 바라본 코아 박물관
Figure 8 – Cruzeiro fluvial no Rio Douro. Foto de António Martinho Baptista.

재단에 귀속시켰다. 현재 박물관과 고고학 공원은 법적으로 공적인 재단의 소유이다.

개관 5년 후, 현재 같은 국가적인 경제난에도 약 20만 명에 이르는 많은 방문객들이 코아 박물관을 찾고 있다. 코아 계곡 고고학 공원의 일부인 박물관은 이제 필수적인 관광 명소로 자리 잡았다. 더할 나위 없이 아름다운 흠잡을 것 없는 코아 미술은 관람객들의 깊은 감동을 선사하고, 인구가 희박한 지역의 침체된 경제를 부흥시키는 문화시설로서도 큰 기여를 하고 있다.

Introdução

A criação do Museu do Côa desenrolou-se em duas etapas bem distintas e teve pensados, consequentemente, dois diferentes lugares de implantação.

A primeira etapa decorreu entre 1998-2003, logo na sequência da classificação da Arte do Côa como Património Mundial; a segunda decorreu entre 2004-2010, datas que se prendem com o próprio calendário político do país e dos seus sucessivos governos (6 governos e 8 Ministros da Cultura durante todo este período).

A ideia de avançar para a construção de um museu dedicado à arte rupestre do Vale do Côa começou logo em paralelo com a criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), inaugurado em 10 de Agosto de 1996 e formalmente criado em Abril de 1997. Mas só após a classificação da Arte do Côa como Património Mundial da Unesco, o governo português se comprometeu a mandar fazer os estudos e avançar para a criação de um museu no Vale do Côa.

Num primeiro momento, ainda sob o calor da polémica do Côa (gravuras *versus* barragem) ocorrida ao longo de todo o ano de 1995, fora escolhido o emblemático sítio do encosto Norte da abandonada barragem do Côa, perto dos sítios arqueológicos da Canada do Inferno, do Rego da Vide e do Vale do Forno. Um projeto caro e ambicioso, de grande e visionário alcance, que seria definitivamente abandonado em 2004.

Este primeiro projeto andou anos a ser discutido e burilado, e nunca chegou à fase de obra. Tinha como equipa projetista a AFA, Consultores de Engenharia, e era coordenado por Rui Furtado e Maria Elisa Parente, sendo Fernando Maia Pinto o arquiteto responsável e os conteúdos museológicos e cenográficos entregues a uma empresa canadiana, a Experience International. Na sua versão final à data do abandono, teria cerca de 14.400 m² de área coberta, dos quais cerca de 1.900 m² seriam dedicados às salas de exposição permanente. Era um autêntico projeto integrado, que englobava também a reemersão da Canada do Inferno e de um sector de rio para montante do sítio do museu, que permitiria tornar acessíveis *in loco* todos os painéis gravados da Canada do Inferno e outros entretanto descobertos. Este sector está artificialmente alteado por influência da barragem do Pocinho, que faz subir as águas frente à Canada do Inferno cerca de 12 metros. As alterações governamentais levaram entretanto à reavaliação de todo o projeto em Novembro de 2003, num momento em que o projeto de arquitetura estava na fase de Estudo Prévio.

A segunda fase, que implicou a escolha de um outro local (que foi muito ponderado relativamente ao anterior), arranca pois em 2004 e alonga-se até à inauguração do atual museu em finais de Julho de 2010.

O local escolhido seria agora um dos cimos aplanados junto à margem esquerda da foz do Côa, com um amplíssimo horizonte visual para terras durienses. Esta largueza de vistas tornar-se-ia mesmo uma das mais-valias do museu.

Nunca foi ponderada a hipótese da construção do museu ser localizada no interior do casco urbano de Vila Nova de Foz Côa, embora se tenha procurado uma ligação direta à cidade.

Privilegiou-se também a sua ligação umbilical aos sítios com gravuras, o que foi patente em

qualquer um dos projetos. Infelizmente até hoje pouco se avançou nesta ligação direta e mais imediata a painéis gravados *in loco*, que os há junto ao atual museu, quer pelas dificuldades de acesso ainda não solucionadas, quer pelo facto das gravuras desta zona serem todas incisas e portanto só bem visualizáveis com luz rasante artificial. Mas a razão fundamental para este atraso prende-se mais com a atual crise financeira do país que não tem aqui permitido novos investimentos, como também o seriam a ligação do museu aos barcos que circulam no Douro (continua a faltar um cais de embarque/desembarque e a sua ligação por teleférico ou outro qualquer sistema à entrada do museu) e até à antiga ligação ferroviária entre Pocinho e Barca de Alva que passava mesmo em frente do museu e está desativada desde meados dos anos 80 do século passado.

O museu e o monte - corpos conjugados

Ao concurso público para a concepção do Museu do Côa (Decreto-Lei nº 96/2007, de 29 de Março e Portaria nº 376/2007, de 30 de Março) concorreram 42 projetos, dos quais só 37 seriam apreciados pelo júri, cujo relatório final seria homologado pelo Ministro da Cultura em 8 de Junho de 2004.

O projeto de arquitetura, coordenado por Pedro Tiago Pimentel, deve-se a este arquiteto e a Camilo Rebelo e Sandra Filipe Barbosa, tendo os dois primeiros constituído um consórcio de projeto com o G.O.P., Gabinete de Organização e Projetos, Lda. Uma obra encomendada pelo antigo Instituto Português de Arqueologia e concluída pelo IGESPAR,IP. Recebeu financiamentos do FEDER, Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional, através do Programa Operacional Regional do Centro/ Programa Operacional da Cultura. O custo total da obra e seus anexos seria c. de 18 M€, tendo a verba orçamentada sido zelosamente cumprida sem qualquer derrapagem financeira.

O edificado implanta-se no alto da acentuada vertente que ladeia, junto às margens esquerdas, a junção do Côa com o Douro.

De acordo com os princípios conceptuais de criação deste projeto, o seu "pressuposto único" é a sua perfeita "integração na paisagem", adossando-se o corpo do museu, ainda que num "gesto forte e afirmativo" num desenvolvimento "subtil, sensível à topografia, pouco modificando o perfil do monte e dialogante com a paisagem" (memória descritiva do anteprojecto de Julho de 2005). É uma espécie de instalação na paisagem, ao jeito da land-art, prolongando a própria caracterização da arte rupestre como uma das primeiras manifestações de land-art na história da humanidade.

O museu deixa pois gradualmente de ser um corpo estranho para se integrar enquanto novo-velho elemento numa paisagem humanizada, já ela também ritualizada pelas sucessivas transformações envolventes: os rios alteados pelo efeito das barragens, os terraços que moldam ritmicamente as encostas em amplos escadórios aqui e ali pontilhados por raros casarios, as vinhas, ora verdes, ora castanhas, ora cinzentas... O museu, construído a partir de Janeiro de 2007 e inaugurado em 30 de Julho de 2010, é agora, também ele, um outro condicionante desta paisagem onde o Côa penetra o

Douro.

A própria e única acessibilidade terrestre (o museu também dispõe de um heliporto) pavimentada até ao museu, utilizou o antigo caminho que de Vila Nova de Foz Côa conduzia a este lugar, um antigo miradouro agora reconvertido. O caminho rural, que era estreito e em terra batida, foi ligeiramente alargado e pavimentado, de forma a obedecer aos atuais regulamentos, mas manteve a sua sinuosidade e o enquadramento da malha dos antigos muros de pedra seca que agora foram refeitos e consolidados, reutilizando-se a pedraria antiga que os compunha. Este pequeno alargamento permite o cruzamento entre viaturas mas não o seu estacionamento. O estacionamento das viaturas automóveis é feito na própria cobertura do museu. Toda a sua envolvente, nomeadamente a flora espontânea, mas também as culturas de amendoeiras e oliveiras, foi mantida. Foi também estudada e limpa uma ligação pedonal entre o núcleo urbano de Vila Nova de Foz Côa e o Museu.

A fraca iluminação exterior do museu teve em conta a estratégia de evitar uma poluição luminosa do local, o que foi amplamente conseguido.

O corpo edificado assume-se assim como um largo monólito tombado numa paisagem "lapidada por três vales" (Côa/Douro/Vale de José Esteves) na síntese dos projetistas, constituído por um puzzle moldado na plasticidade do betão, simulando placas de xisto betonado com a coloração amarelada dos afloramentos locais. Esta coloração foi obtida em parte pela junção de pó de xisto na massa cinzenta do betão, criando uma espécie de "massa híbrida". A textura destas placas/lajes foi obtida a partir da sua cofragem em moldes feitos a partir de elementos dos xistos das pedreiras locais. O seu aspecto exterior é assim o de uma rugosidade já varrida por ventos e outras erosões (nas paredes interiores estas placas são polidas), como se fossem grossas placas de xistos arrancados dos seus afloramentos naturais. Visto à distância, esta solução evitou a tal ruptura com a paisagem envolvente, aparecendo o museu não como um elemento estranho aqui implantado, mas como uma instalação já ela também absorvida pela própria paisagem a que concede uma outra dimensão numa continuidade eco-re-organizada.

O longo corpo triangular alonga-se pelo monte como um grande bloco pétreo, aqui e ali rasgado por janelas-frestas alongadas em altura e com movimentos irregulares na sua fixação às paredes assim rasgadas.

O lugar de implantação do museu está também ele carregado de simbolismo. Com efeito, para além de se situar no coração dos núcleos de expansão da arte rupestre do final do Paleolítico (período Magdalenense) e do ciclo rupestre da Segunda Idade do Ferro, a sua implantação mimetiza a das antigas quintas vinhateiras tão típicas de toda esta região.

A entrada principal no museu processa-se através de uma longa e desnivelada rampa de acesso que vai até ao lobby, aqui dividindo os serviços do PAVC (para a esquerda) dos do Museu propriamente dito com as áreas de exposições temporárias e permanente (para a direita). Esta fenda torna-se assim um elemento estruturante e ao mesmo tempo indica o caminho da luz às trevas das salas de exposição permanente.

Ora, se este foi um processo claramente assumido pelos projetistas, balizando entre o diálogo exterior da massa arquitectónica com a paisagem ainda arcaizante (porque remete para a dos próprios

criadores rupestres) e a escuridão de um espaço expositivo como se de uma gruta se tratasse, isto poderia aparecer como uma contradição, já que a Arte do Côa, tema fundamental do programa expositivo, era uma arte da luz e não uma arte das trevas. É o "interior da sala gruta, que nos remete para um tempo primitivo", nas palavras dos projetistas. É esta, aliás, uma das grandes originalidades da Arte do Côa, pois foi a sua arte rupestre paleolítica de ar livre que contribuiu para que a arte paleolítica europeia deixasse de ser tão-só uma arte das cavernas. Esta contradição foi claramente assumida pelo facto de desde sempre termos privilegiado uma visita complementar entre o museu e o campo, ou seja, queremos que os visitantes do museu possam sempre complementar a sua visita ao museu (enquanto grande centro de interpretação mais ou menos académico e com alguma espetacularidade nos multimédia) com uma deslocação a pelo menos um dos lugares rupestres do vale. O museu funcionaria assim como um portal do tempo, um mergulho na escuridão dos milénios, uma espécie de fenda rasgada no espaço-tempo sem uma preocupação de centrar na luz a sua preocupação explicativa. Este aspecto torna o museu do Côa uma espécie de caixa do tempo que leva o visitante a interrogar-se mais nos aspectos propriamente arqueológicos da arte rupestre do que na relação entre esta e o mundo natural (que é aliás uma das principais vias de pesquisa nos estudos atuais de arte rupestre). Foi uma opção que, apesar de tudo, facilita os sistemas de visualização dos elementos expositivos como sejam as réplicas (luzes indiretas e rasantes), as imagens acondicionadas em caixas de luz e os multimédia.

A aridez recta da cobertura é cortada ao alto e junto à profunda fenda da entrada, pela presença singular e insólita de uma oliveira ali implantada. Ou seja, o até há pouco corpo estranho do museu já faz parte do oikos regional.

O programa museológico

Ultrapassada a questão de serem os próprios arquitetos a esboçarem um projeto de museologia para o qual não estavam manifestamente vocacionados, o IGESPAR encarregaria os próprios arqueólogos do PAVC de redigirem um (já muito pensado) programa museológico.

Com efeito, o programa museológico, ao contrário do que seria desejável, não foi escrito previamente ao desenho arquitectónico (se exceptuarmos o guião sintético que escrevemos para o programa do concurso para a escolha do projeto de museu). Começou por ser um programa ambicioso, mas que teve de reduzir-se à geometria do edificado. E ser mitigado na ambição do muito que se queria dar a ver. A equipa que redigiu este programa foi constituída por António Martinho Baptista, André Santos, Thierry Aubry e Alexandra Cerveira Lima. Foi fundamental a coordenação de Alexandra Cerveira Pinto Lima, na altura diretora do PAVC, que teria também um papel determinante na coordenação da abertura do museu em Julho de 2010. Ou seja, o programa museológico seria feito, como não podia deixar de ser, a partir do trabalho do antigo Centro Nacional de Arte Rupestre (em má hora extinto, por razões políticas, em Abril de 2007) e pelo da equipa de arqueologia do PAVC (que

entretanto tinha anexado o antigo CNART), onde é justo destacar também o trabalho de muitos anos de Fernando Barbosa, Manuel Almeida, João Félix, Jorge Sampaio, Dalila Correia, Mário Reis, Luís Luís e Rosa Jardim, entre outros.

Ainda relativamente aos conteúdos contou-se com a colaboração da UAUM/Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (sob a coordenação de José Meireles e Paulo Bernardes, este para as aplicações multimédia), do CECL/UNL-Centro de Estudos Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa (sob a coordenação de José Bragança de Miranda e Teresa Cruz) e do CEG/Centro de Estudos Geográficos, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (sob a coordenação de Ana Ramos Pereira). A estratégia cultural foi coordenada por Lúcia Gonçalves de Brito e a coordenação executiva por Fernando Real. A condução política/executiva de todo o processo (que, como se calcula, não foi fácil) foi assegurada por João Pedro Cunha Ribeiro enquanto vice-diretor do IGESPAR.

Os conteúdos expositivos distribuem-se no espírito de uma "nave única", com salas amplas e tectos muito alteados (mais de 6 metros de pé-direito), com paredes negras onde ressaltam os elementos expostos.

A distribuição das salas, que vão da A até à G, orienta o visitante desde a dispersão e expansão da arte rupestre no mundo e da grande importância que a Unesco hoje concede a esta mais antiga memória gráfica da humanidade, passando pelas pormenorizadas explicações da arte do Côa e seu enquadramento arqueológico, terminando com uma escultura contemporânea do mestre-escultor António Carneiro.

Como é evidente e porque foi concebido por arqueólogos, o discurso arqueológico, muito rigoroso, centra-se na arte paleolítica do Côa, seus particularismos e originalidades numa paisagem monumentalizada pela arte, sua grande antiguidade e de como esta é uma das grandes descobertas arqueológicas de finais do século passado na Europa. É um museu em permanente transformação, procurando sempre integrar os novos e mais originais elementos que a investigação vai sistematizando.

Para além da exposição com inúmeros elementos gráficos (fotografias e desenhos) apresentados em caixas de luz e pequenos filmes em monitores interativos, há uma série de elementos rupestres que pontilham, aqui e ali, fosforescentes, as paredes do museu, dando-se assim realce à enorme qualidade estética de algumas das gravuras dos arcaicos mestres do Côa. Procurámos fazer poucas réplicas de painéis historiados (que hoje já são banais em muitos museus de arqueologia e arte rupestre), apenas as indispensáveis a uma melhor compreensão do discurso arqueológico que se verte no museu. E porque sempre defendemos que o verdadeiro museu é o vale!

Recentemente, com a reabertura da Sala D, que esteve fechada quase 3 anos por motivos de suporte financeiro da primeira museologia, foram acrescentadas duas novas réplicas de duas das mais emblemáticas rochas do período arcaico do Côa. Há atualmente no Museu do Côa apenas 6 réplicas de rochas paleolíticas e uma da Segunda Idade do Ferro. Esta, que replica a rocha 10 do Vale da Casa, um original submerso há mais de 30 anos pela barragem do Pocinho, foi feita a partir de um antigo molde de látex que tinha sido feito em 1982, o que demonstra ainda a validade deste já antigo método

de registo, entretanto substituído pelo silicone e mais modernamente pelos registos a laser.

O museu, porque se assume como um museu de arte e arqueologia, engloba também, na sua exposição permanente, obras de dois artistas contemporâneos: quatro instalações com espelhos de Ângelo de Sousa (as últimas obras públicas deste artista falecido em 2011); e uma escultura/instalação de Alberto Carneiro ("Árvore Mandala para os Gravadores do Vale do Côa"), esta na última sala do museu, selando o percurso da visita e procurando uma ligação (um continuum) entre as artes da pré-história antiga e as criações artísticas do nosso tempo.

Também por isso, nas três salas de exposições temporárias do Museu se tem privilegiado a arte contemporânea e a fotografia.

O modelo de gestão

O Museu do Côa é uma obra pública do Estado Português, que logo após a sua inauguração foi gerido como serviço dependente pelo IGESPAR, IP (o antigo Instituto do Património). Em 16 de Setembro de 2011, o Secretário de Estado da Cultura deu posse a um Conselho de Administração (com um presidente executivo e dois vogais não executivos) nascendo então a Fundação Côa/Parque, já criada pelo anterior governo através do Decreto-Lei nº 35/2011, de 8 de Março. É esta Fundação pública de direito privado que hoje gere esta estrutura, em paralelo com a gestão do Parque Arqueológico do Vale do Côa, também entretanto extinto, por força do mesmo Decreto, enquanto serviço dependente do também extinto IGESPAR, IP.

Cumpridos que estão cinco anos após a sua abertura, o Museu do Côa (um projecto-âncora no discurso político regional) continua a ser procurado por um número cada vez maior de visitantes (c de 200.000 pessoas passaram já pelo museu), pesem embora os tempos difíceis. Sendo uma estrutura do Parque Arqueológico do Vale do Côa, o museu tornou-se um equipamento incontornável no turismo do Douro superior português e uma forte mais-valia sem paralelo na região. Porque desde o início soube aliar a inegável qualidade da arte do Côa que aqui se mostra, desafiando o visitante a aprofundar o seu conhecimento, a uma aposta na revitalização económica de uma região deprimida e cada vez mais despovoada, que afinal pode encontrar num equipamento de cultura uma das suas principais vias na procura de um desenvolvimento sustentado.

머리말

코아 박물관 건설은 시기별로 두 단계로 나눌 수 있다. 첫 번째 단계는 코아 계곡 암각화가 세계유산으로 등재된 이후인 1998~2003년이고, 두 번째 단계는 포르투갈의 정권 교체가 빈번했던 2004~2010년도이다. 그 사이 여섯 정부와 여덟 명의 문화부 장관이 교체되었다. 코아 계곡 암각화 전문박물관 건설 계획은 고고학 공원 설립과 함께 나왔지만, 정부는 세계유산 등재 이후에 박물관을 건설하겠다고 약속하였다. 1995년 코아 논쟁이 한창일 때, 캐나다 두 인페르노, 레고 다 비데, 발레 두 포르노 부근에 공사가 중단된 코아댐 건축부지가 고려되었다. 많은 비용이 드는 야심차고도 훌륭한 프로젝트였지만 2004년에 중단되었다.

첫 프로젝트는 수년 동안 논의만 되었고 결국 건설단계까지 가지는 못했다. 추진팀은 루이 푸르타도와 마리아 엘리사 파렌테 지휘 하에 AFA와 엔지니어링 컨설턴트로 구성되었고 건축가인 페르난도 마이아 핀토와 박물관 전시를 의뢰받은 캐나다 회사 Experience International이 함께 했다. 중단될 당시 최종 계획은 건축면적은 상설 전시장



사진 1. 코아 박물관과 코아 마을 전경

Figure 1. O Museu do Côa e a cidade de Vila Nova de Foz Côa. Foto de António Martinho Baptista.



사진 2. 코아 마을에서 바라본 코아 박물관

Figure 2. O Museu do Côa visto desde a cidade de Vila Nova de Foz Côa. Foto de António Martinho Baptista.

1,900m²를 포함 총 14,400m²이었다. 1983년 도우루댐 건설로 수몰된 캐나다 두 인페르노 암각화를 드러내기 위해 코아강 수위를 낮추는 계획까지 포함된 매우 통합적인 프로젝트였다. 하지만 정권이 바뀌면서 2003년 11월 예비조사단계에서 프로젝트 전체에 대한 재평가가 이루어졌다.

두 번째 단계는 2004년부터 현재 박물관이 문을 연 2010년 7월 말까지인데, 첫 번째와 다른 장소가 선택되었다. 건축부지는 도우루강으로 이어지는 코아 강어귀의 산등성이로 전망이 장관인 곳이다. 코아 마을과 인접한 장소에 대한 요구도 있었지만 한 번도 건축부지로 고려되지는 않았다.

박물관이 암각화 유적과 연결고리에 대한 선호는 두 프로젝트에서 포함되어 있다. 안타깝게도 박물관 부근에 있는 암각화와 직접적인 연결은 거의 이루어지지 않았는데, 접근이 어려운 점이 있고 모두 굵기 기법으로 새겨진 것으로서 인공조명을 통해서만 볼

수 있기 때문이다. 그러나 무엇보다 이 작업이 늦어지는 근본적 이유는 국가적인 경제난으로 인해 새로운 투자가 이루어지지 않고 있다는 점이다. 박물관과 도우루강 크루즈와의 연결 그리고 박물관 바로 앞을 지나가는 포시노와 바르카 드 알바 사이에 1980년대 중반에 버려진 철도 복원도 멈춰진 상태이다.

박물관과 언덕을 연결하다.

코아 박물관 건축 경쟁 입찰과정에 42개의 입찰서가 제출되었고 이 가운데 37개만 심사되었다. 채택된 입찰서는 2004년 6월 문화부장관이 승인하였다. 카밀로 레벨로와 티아고 피멘텔의 프로젝트가 최종 선정되었다. 사업을 위촉받은 정부기관은 포르투갈 고고학연구소(IPA)가 문을 닫은 이후에는 건축고고학유산관리연구소(IGESPAR)가 수

사진 3. 코아 박물관의 남쪽 외관
Figure 3. Fachada sul do Museu do Côa.
Foto de António Martinho Baptista.



행하였다. 프로젝트 예산은 지역 운영과 문화 운영 프로그램을 통해 지역개발을 위한 유럽기금에서 지원받았다. 별관까지 포함한 총 건축비는 1,800만 유로로 예산 불이행 없이 순조롭게 진행되었다.

박물관은 코아와 도우루강이 교차하는 지점의 급경사 위에 세워졌다. 2007년 7월 프로젝트 초안의 기술 설명서에 따른 프로젝트의 구상원리는 “언덕의 실루엣을 조금 변경해 경관과의 상호작용”으로 기존의 지형 위에 미묘하게 세워진 건축물이다. 어떤 면에서 경관 위에 있는 조형물로 암각화와 인류 역사를 “랜드-아트”로 상징화한 것이다.

박물관은 비록 자연에 얹힌 건축물이지만 변화하는 주변 경관을 수용하며 색다른 분위기를 연출한다. 댐에 의해 달라지는 강의 수위, 언덕을 감싸는 넓은 사다리꼴 테라스, 간간히 보이는 집들, 초록색, 갈색, 또는 회색의 포도밭. 2007년 1월부터 2010년 7월까지 건설된 박물관은 이제 코아에서 도우루로 들어가는 풍경을 구성하는 또 하나의 특징이다.

박물관에는 헬리콥터 이착륙지도 있지만, 박물관으로 가는 육로는 코아 마을로 이어지는 오래 된 길밖에 없었다. 좁은 비포장도로는 넓혀지고 포장되어 규정을 맞추었지만



사진 4. 코아 박물관 정문

Figure 4. Entrada principal do Museu do Côa. Foto de Antônio Martinho Baptista.

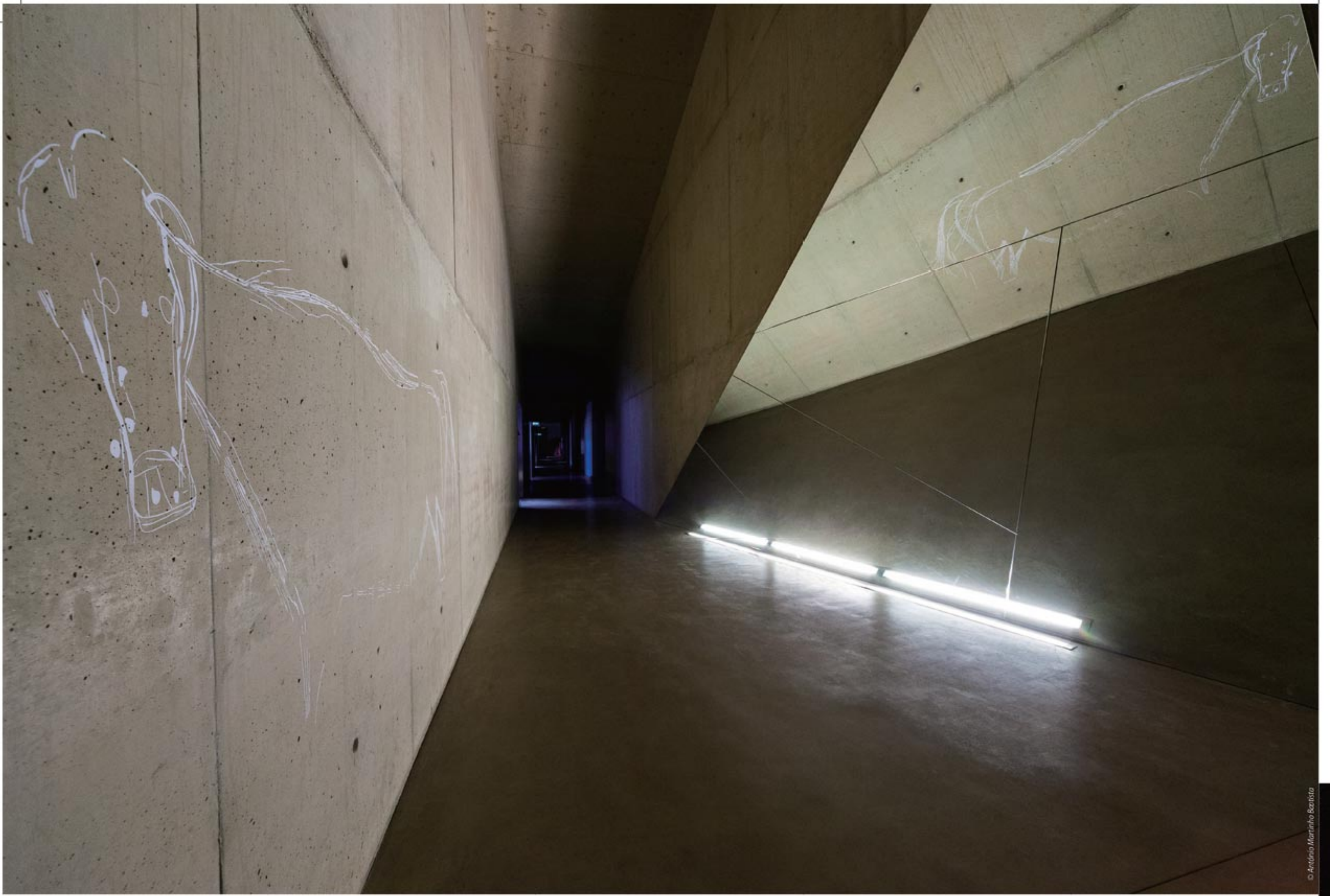


사진 5. 상설전시실로 이어지는 통로

Figure 5. Corredor de acesso às salas de exposição permanente. Foto de António Martinho Baptista

구불구불한 길과 오래된 돌담은 재건하거나 보강하여 최대한 원형을 유지하고 있다. 주차장은 박물관 옥상에 있다. 박물관 주변의 식물로는 아몬드와 올리브 나무로 자연 그대로를 유지하고 있다. 코아 마을 도심지와 박물관을 잇는 보행로도 만들어졌다. 박물관 프로젝트에서 불빛에 의한 공해를 방지하기 위해 야외 조명을 최소화하였다.

건축가들의 말을 빌리자면 박물관 건물은 “코아와 도우루, 조세 에스테베스의 세 계곡으로 다듬어진” 풍경 속으로 굴러 떨어진 하나의 커다란 바위 형상이다. 퍼즐모양의 콘크리트 건물은 지역 편암 노두의 황화를 형상화하였다. 채색은 편암 가루와 콘크리트를 섞은 혼합도료로 칠해졌다. 박물관 외관의 감축은 지역 편암 채석장에서 만든 거푸집을 통해 완성되었다. 잘 다듬어진 박물관의 내부와 대조를 이루는 외관은 바람과 여러 침식 작용으로 인해 휩쓸려 거칠어진 노두에서 떨어져 나온 두터운 편암을 연상시킨

다. 멀리서 봤을 때, 이런 디자인은 주변 풍경과 어우러져 오히려 풍경을 한층 더 다채롭게 하고 있다. 긴 삼각형의 건물형태는 세로로 긴 불규칙하게 창문으로 여기저기 흩어진 커다란 바위 블록처럼 언덕에 뻗어있다. 박물관 건립 장소도 상징성을 갖고 있다. 후기구석기 말기와 철기시대 암각화 유적의 대부분은 있는 장소의 중심일 뿐만 아니라, 지역 고유의 오래된 와인 생산단지에 해당한다.

길고 울퉁불퉁한 경사로를 지나 박물관 정문으로 들어갈 수 있는데, 박물관의 중심인 로비를 통해 상설 및 특별 전시실, 그리고 고고학 공원으로 입장이 가능하다. 입구의 구조적 특징은 빛에서 어두운 전시실로 들어가는 길을 표현한 것이다. 건축가들이 건축물 외관과 고풍스런 풍경의 소통을 제시하지만, 전시 프로그램 주제인 코아 암각화가 야외의 어둠이 아닌 빛의 미술이라는 점을 생각하면 상설전시실이 마치 동굴과 같이 어둡다는 사실을 모순으로 받아드릴 수도 있다. 코아 암각화가 유럽 구석기 미술이 동굴

사진 6. 코아 박물관 전시실 B

Figure 6. Sala B, Museu do Côa. Foto de António Martinho Baptista.



에서만 존재한다는 가설을 무너트렸음에도 건축가들은 “동굴 같은 전시실이야 말로 우리를 원시시대로 인도한다”고 말한다. 대체로 박물관 관람이 코아 계곡 암각화 유적 방문 후에 이루어지기 때문에 이런 모순은 더욱 부각된다. 박물관은 이처럼 학계와 관람객들에게 커다란 해석의 중심처럼 여겨진다. 박물관은 타임머신처럼 관람객들을 수천 년의 어둠 속으로 떨어트려 시공간 연속체에서 찢어진 골절 같은 역할을 한다. 박물관은 관람객들에게 코아 암각화를 더욱 진지하게 생각하게 만드는 시간의 상자와도 같다. 전시는 복제물, 라이트 박스나 멀티미디어 프레젠테이션을 이용하여 대중들의 감상을 용이하게 것들로 구성되어 있다. 깊은 입구의 틈 사이로 잘려진 무미건조한 박물관의 외관은 흔히 얇은 올리브 나무로 인해 달라진다. 얼마 전까지 외부적 요소였던 박물관이 이제 지역의 “오이코스” (헬라어로 ‘집’)가 되고 있다.

박물관 프로그램

프로젝트를 수행한 건축고고학유산관리연구소는 고고학 공원에 박물관 전시 프로그램을 일임하였다. 건축 프로젝트에는 박물관 프로그램이 언급되지 않았다. 프로젝트는 야심차게 시작했지만, 건물의 기하학적 구조 때문에 축소해야만 했고 전시 프로그램은 안토니오 마르티노 밥티스타, 안드레 산토스, 티에리 오브리, 알렉산드라 세르베이라 리마가 만들었다. 당시 고고학 공원 책임자였던 알렉산드라 세르베이라 리마의 협력은 박물관 개관에 매우 중요한 역할을 했다. 다시 말해서, 박물관 프로그램의 생성은 국립암각화연구센터와 고고학 공원의 고고학 팀과 더불어 페르난도 바르보사, 마누엘 알메이다, 주앙 펠릭스, 조르게 삼파이오, 달릴라 코레이라, 마리오 레이스, 루이스 루이스, 로사 자르딤 등이 참가하였다.

미뉴대학교 고고학부의 조세 메이렐레스, 파울로 베르나르데스와 리스보아대학교 커뮤니케이션과 언어학 센터의 조세 브라강카 데 미란다, 테레사 크루즈, 그리고 리스본대학교 지질학 센터의 아나 라모스 페레이라 등이 전시물제작에 참여하였다. 문화기획은 루시아 곤칼레스 데 브리토가 수립하고 페르난도 레알이 진행하였다. 까다로운 전



사진 7. 코아 박물관 식당

Figure 7 – Restaurante do Museu do Côa. Foto de António Martinho Baptista.

체적인 경영감독은 건축고고학유산관리연구소 부회장인 주앙 페드로 쿤하 리베이로가 맡았다.

전시물은 약 6m에 이르는 높은 천장과 넓은 전시실을 연결되는 중앙 통로에 진열하였고 검은색 벽으로 통일성을 주었다. A부터 G 전시실은 코아 미술에 대한 상세한 설명과 고고학적 맥락을 소개하고, 오늘날 유네스코가 부여한 인류의 가장 오래된 시각 기록물이 가지는 중요성을 다루고, 마지막으로 포르투갈 조각가 알베르토 카르네이로의 현대 조각으로 구성하여 관람객들에게 암각화의 세계적 확산을 보여준다.

Bibliografia

ALCALDE DEL RIO, H.; BREUIL, H.; SIERRA, L. (1911) – *Les cavernes de la région cantabrique (Espagne)*. OCLC 1309769. Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2006) – *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde*. ISBN 8497180062 9788497180061. Salamanca: Junta de Castilla y León.

ALMAGRO, M. (1966) – *Las Estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. OCLC 638994781. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Universidad de Madrid.

ALMANSA SÁNCHEZ, J. (2012) – To be or not to be? Public archaeology as a tool of public opinion and the dilemma of intellectuality. *Archaeological Dialogues*. ISSN 1380-2038. Vol. 20, nº 1, p. 5-11.

ÁLVAREZ-SANCHIS, J. A. (2004) – Etnias y fronteras: Bases arqueológica para el estudio de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia. In LOPES, M. C.; VILAÇA, R. (eds.) – *O Passado em cena: Narrativas e fragmentos*. ISBN 972-9004-19-6. Coimbra: CAUCP, pp. 299–327.

ALVES, F. M. (1938) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. ISBN 972-98569-1-5. Porto.

ANDRADE, J. S. (1940) – *Vila Nova de Fozcoa*. In Anuário da Região Duriense. Régua: Imprensa do Douro, pp. 498-505

ARAÚJO IGREJA, M. (2009) – Estudo traceológico das indústrias líticas de Olga Grande 4 e Cardina I: função, modo de funcionamento dos artefactos e outras inferências comportamentais. In AUBRY, T. (ed.) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. ISBN 9789898052148 9898052147. Lisboa: IGESPAR, pp. 235-247.

AUBRY, T. (ed.) (2009) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. ISBN 9789898052148 9898052147. Lisboa: IGESPAR.

AUBRY, T. – (2009b) – Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa. In AUBRY, T. (ed.) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. ISBN 9789898052148 9898052147. Lisboa: IGESPAR, pp. 382-395.

AUBRY, T.; DIMUCCIO, L. A.; BERGADA, M.; SAMPAIO, J.D.; SELLAMI, F. (2010) – Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): Implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*. ISSN 03054403. Vol. 37, nº 12, pp. 3306-3319.

AUBRY, T.; LUÍS, L. (2012) – Umwelt und Gesellschaft der paläolithischen Freilandkunst im Côa-Tal (Portugal). In DALLY, O.; MORAW, S.; ZIEMSEN, H. (eds.) – *Bild – Raum – Handlung: Perspektiven der Archäologie*, pp. 69-103.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X. (2006) – The Côa Valley (Portugal). Lithic raw material characterisation and the reconstruction of upper palaeolithic settlements patterns. In BRESSY, C.; BURKE, A.; CHALARD, P.; MARTIN, H. (eds.) – *Notions de territoire et de mobilité. Exemples de l'Europe et des premières nations en Amérique du Nord avant le contact européen*. ISBN 2930495006 9782930495002. Liège: Université de Liège, pp. 41-49.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; DIMUCCIO, L. A. (2012) – Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. ISSN 03054403. Vol. 39, nº 4, pp. 848–866.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2012) – We will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*. ISSN 0278-4165. Vol. 31, nº 4, pp. 528-550.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J.D. (2008). Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal). *Antiquity*. ISSN 0003

598X. Vol. 82, nº 316.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. (2009) – Chronologie et contexte archéologique des gravures paléolithiques de plein air de la Vallée du Côa (Portugal). In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.) – *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. ISBN 9788497185929. Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 211-223

AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. (2012) – Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do Vale do Côa. In SANCHES, M. J. (ed.) - *Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo*. ISBN 978-989-8052-30-8. Lisboa: DGPC, pp. 185–206.

AUBRY, T., SAMPAIO, J.D., LUÍS, L. (2011) – Approche expérimentale appliquée à l'étude des vestiges du Paléolithique supérieur de la Vallée du Côa. In Morgado, A.; Baena Preysler, J.; García Gonzalez, D. (eds.) - *La investigación experimental aplicada a la arqueología*. ISBN 9788433853370 8433853376. Granada: Universidad de Granada, pp. 87-96.

AUBRY, T., SANTOS, T., A., LUÍS, L. (2014). Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu : analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In Paillet, P. (ed.) - *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation*. ISBN 9782911233128 2911233123. Paleo, numéro spécial, pp. 259-270.

BAKKEVIG, S. (2004) – Rock art preservation: Improved and ecology-based methods can give weathered sites prolonged life. *Norwegian Archaeological Review*. ISSN 0029-3652. Vol. 37, nº 2, pp. 65-81.

BALBÍN BEHRMANN, R. de (2014) – Los caminos más antiguos de la imagen: el Sella. In BLAS CORTINA, M. Á. de (ed.) - *Expresión simbólica y territorial: los cursos fluviales y el arte paleolítico en Asturias*. ISBN 9788494266072 8494266071. Oviedo: Real Instituto de Estudios Asturianos, pp. 65-91.

BAPTISTA, A. M. (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. ISSN 0870-2306. Vol. 8, pp. 57–69.

BAPTISTA, A.M. (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. ISBN 9729812101. Vila Nova de Foz Côa: PAVC.

BAPTISTA, A. M. (2008) – Aspectos da arte magdalenense e tardi-glaciar no Vale do Côa. In SANTOS, A. T.; LUÍS, L. (eds.) - *Do Paleolítico à Contemporaneidade. Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Porto: ACDR Freixo de Numão, pp. 14-31.

BAPTISTA, A.M. (2009) – *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal/Paradigm Lost. Côa Valley and the open-air palaeolithic art in Portugal*. ISBN 9789723609974 9723609975. Porto: Edições Afrontamento/PAVC.

BAPTISTA, A. M.; FERNANDES, A. P. B. (2007) – Rock art and the Coa Valley Archaeological Park: A case study in the preservation of Portugal's prehistoric parietal heritage. In PETTIT, P.; BAHN, P.; RIPOLL, S. (eds) - *Palaeolithic Cave Art at Creswell Crags in European Context*. ISBN 978-0-19-929917-1. Oxford: Oxford University Press, pp. 263-79.

BAPTISTA, A. M.; GOMES, M. V. (1997) – Arte rupestre. In ZILHÃO, J. (ed.) – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. ISBN 9728087373 9789728087371. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 210-406.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2008) – Prospecção da Arte rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro. In SANTOS, A. T.; SAMPAIO, J. D. (eds.) - *Pré-história — gestos intemporais*. ISBN 978-972-99799-3-4. Vila Nova de Foz Côa: ACDR Freixo de Numão, pp. 62-95.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2009) – Prospecção da Arte Rupestre no Vale do Côa e Alto Douro Português: ponto da situação em Julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.) – *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. ISBN 9788497185929. Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 145-192.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2011) – A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão,

Figueira de Castelo Rodrigo). *Côavisão*. ISBN 9789728763237. Vol. 13, pp. 15-20.

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. (2013) – *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*. EDIA; DRCALLEN (Memórias d'Odiana; 2a série).

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T.; CORREIA, D. (2006) – Da ambiguidade das margens na grande arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário gravetto-solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão*. ISBN 9789728763237. Vol. 8, pp. 156-184.

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T.; CORREIA, D. (2008) – O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do bestiário gravettense e/ou gravetto-solutrense. In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.) – *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. ISBN 9788497185929. Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 89-144.

BREUIL, H.; OBERMAIER, H.; ALCALDE DEL RÍO, H. (1913) – *La Pasiega a Puente-Viesgo (Santander) (Espagne)*. OCLC 49878233. Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne.

BRUNET, J. (1995) – Theories and practice of the conservation of our heritage of rock art. Concrete examples of interventions in natural climatic environment. In THORN, A.; BRUNET, J.; Ward, G.; Ward, L. A. (eds.) – *Preservation of rock art*. ISBN 0958680205 9780958680202 Melbourne: Australian Rock Art Research Association, pp. 1-11.

BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2007) – Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen. *L'Anthropologie*. ISSN 0003-5521. Vol. 111, nº 4, pp. 549-589.

CANTALEJO DUARTE, P.; ESPEJO HERRERÍAS, M. D. M. (1997) – Arte rupestre paleolítico del Sur peninsular. Consideraciones sobre los ciclos artísticos de los grandes santuarios y sus territorios de influencia. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*. ISSN 1138-9435. Vol. 1, pp. 77-96.

COIXÃO, A. N. S (1996) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. ISBN 972-95164-7-2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

COLLADO GIRALDO, H. (2007) – *Arte Rupestre en la Cuenca del Guadiana: El Conjunto de Grabados del Molino de Manzániz (Alconchel-Cheles)*. Beja: EDIA.

COMBIER, J. (1984) – Grotte de La Tête-du-Lion. In L'art des cavernes. *Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*. ISBN 2110808179 9782110808172. Paris: Ministère de la Cultures/Imprimerie Nationale, pp. 595-599.

CONKEY, M. W. (1980) – The identification of prehistoric hunter-gatherer aggregation sites: the case of Altamira. *Current Anthropology*. ISSN 0011-3204. Vol. 21, nº 5, pp. 609-630.

COSME, S. R. (2008) – Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda. In LUÍS, L. (ed.) - *Proto-história e Romanização: Guerreiros e colonizadores*. ISBN 978-972-99799-3-4. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 72-80.

DEACON, J. (2006) – Rock art conservation and tourism. *Journal of Archaeological Method and Theory*. ISSN 1072-5369. Vol. 13, nº 4, pp. 379-99.

DEVLET, E.; DEVLET, M. (2002) – Heritage protection and rock art regions in Russia. In: CHALMIN, E. (ed.) – *L'art avant l'histoire. La conservation de l'art préhistorique*. ISBN 2905430133 9782905430137. Paris: SFIIC, pp. 87-94.

DOEHNE, E.; PRICE, C. (2010) – *Stone conservation. An overview of current research. Second edition*. ISBN 9781606060469 1606060465. Los Angeles: Getty Conservation Institute.

DRAGLAND, A. [Online 2013] – Big Data - for better or worse. *SINTEF*. [10 July 2013]. Available online:<URL:<http://www.sintef.no/home/Press-Room/Research-News/Big-Data--for-better-or-worse/>>.

DUGGAN, M.; ELLISON, N.; LAMPE, C.; LENHART, A.; MADDEN, M. [Online 2015] – Social Media Update 2014. *Pew Research Center*. [9 April 2015]. Available online: <URL:<http://www.pewinternet.org/2015/01/09/social-media-update-2014/>>.

FERNANDES, A. P. B. (2004) – Visitor management and the preservation of rock art. Two case studies of open air rock art sites in Northeastern Portugal: Côa Valley and Mazouco. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. ISSN 1350-5033. Vol. 6, nº 2, p. 95-111.

FERNANDES, A. P. B. (2007) – The Conservation Programme of the Côa Valley Archaeological Park: Philosophy, objectives and action. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. ISSN 1350-5033. Vol. 9, nº 2, pp. 71-96.

FERNANDES, A. P. B. (2008) – Aesthetics, ethics, and rock art conservation: How far can we go? The case of recent conservation tests carried out in un-engraved outcrops in the Côa Valley, Portugal. In HEYD, T.; CLEGG, J. (eds.) – *Aesthetics and Rock Art III Symposium*. ISBN 9781407303048 140730304X. Oxford: Archaeopress, pp. 85-92.

FERNANDES, A. P. B. [Online 2015] – Vídeos. *Do Indecifrável*. [22 April 2015]. Available online: <URL: <https://batarda.wordpress.com/videos/>>.

FERNANDES, A. P. B., MENDES, M., AUBRY, T., SAMPAIO, J., JARDIM, R., CORREIA, D., JUNQUEIRO, A., BAZARÉU, D., DIAS, F. and PINTO, P. (2008) – The evolving relationship between the Côa Valley Archaeological Park and the local community: An account of the first decade. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. ISSN 1350-5033. Vol. 10, nº 4, pp. 330-343.

FIGUEIREDO, S. C. S. de; NOBRE, L.; GASPAR, R.; CARRONDO, J.; CRISTO ROPERO, A.; FERREIRA, J.; SILVA, M. J. da; MOLINA, F. J. (2014) – Foz do Medal terrace — an open-air settlement with paleolithic portable art. *International Newsletter on Rock Art*. ISSN 1022-3282. Vol. 68, pp. 12-19.

GABRIEL, S., BEAREZ, P. (2009) – Caçadores-pescadores do Vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu. In AUBRY, T. (ed.) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana do caçadores-artistas do Paleolítico*. ISBN 9789898052148 9898052147. Lisboa: IGESPAR, pp. 331-339.

GARCÍA DIEZ, M. (2009) – Grafismo mueble: las estaciones de Fariseu, Quinta da Barca Sul y Cardina I. In: AUBRY, T. (ed.) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana do caçadores-artistas do Paleolítico*. ISBN 9789898052148 9898052147. Lisboa: IGESPAR, pp. 361-395

GARCÍA DIEZ, M.; AUBRY, T. (2002) – Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal) - la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus*. ISSN 0514-7336. Vol. 55, pp. 157-182

GARCÍA DIEZ, M.; LUÍS, L. (2003) – José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia. *Estudos Pré-Históricos*. ISBN 972-95952-9-1. Vol. X-XI, pp. 199-223

GERASIMOV, M.M. (1958). – Paleolitičeskaia stoinka Mal'ta (raskopki 1956-57 gg.). *Sovetskaja etnografija*. ISSN 00215023. Vol. 3, pp. 28-52.

GOMES, M. V. (2013) – O abecedário rupestre, proto-histórico, do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*. ISSN 165-4936. Vol. 12, pp. 69–85.

GOOGLE ANALYTICS [Online 2015] – Google Analytics. *Google Analytics*. [28 April 2015]. Available online:<URL:<https://www.google.com/analytics/>>.

GUY, E. (2000) – Le style des figurations paléolithiques piquetées de la vallée du Côa (Portugal): premier essai de caractérisation. *L'Anthropologie*. ISSN 0003-5521. Vol. 104, nº 3, pp. 415-426.

HARMAND, S.; LEWIS, J. E.; FEIBEL, C. S.; LEPRE, C. J.; PRAT, S.; LENOBLE, A.; BOËS, X.; QUINN, R. L.; BRENET, M. (2015). 3.3-million-year-old stone tools from Lomekwi 3, West Turkana, Kenya. *Nature*. ISSN 0028-0836. Vol. 521, nº 7552, pp. 310–315.

HERNÁNDEZ-PACHECO, E. (1919) – *La caverna de la Peña de Candamo*. OCLC 13401298. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

INGOLD, T. (2011) – From trust to domination: an alternative history of human-animal relations. In INGOLD, T. - *The perception of the environment: Essays in livelihood, dwelling and skill*. ISBN 9780415617475 0415617472. London/New York: Routledge, pp. 61-76.

JORGE, S. O.; ALMEIDA, C. A. F. de; JORGE, V. O.; SANCHES, M. de J.; SOEIRO, M. T. (1981) – Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*. ISSN 0870-2306. Vol. 3, pp. 3-12.

JUNCO, R., HEIBERGER, G.; LOKEN, E. (2011). The effect of Twitter on college student engagement and grades. *Journal of Computer Assisted Learning*. ISSN 1365-2729. Vol. 27, nº 2, pp. 119-132.

KLÍMA, B. (1963) – *Dolní Věstonice: Výzkum tábořiště lovců mamutů v letech 1947-1952*. OCLC 3420098. Prague: Nakladatelství Československé Akademie Věd.

LEMOIS, F. S. (1989) – Dossier Côa I: O relatório de impacte patrimonial. *Forum*. ISSN 0871-0422. Vol. 15/16, pp. 141-156.

LENOIR, M.; ROUSSOT, A.; DELLUC, B.; DELLUC, G. (2006) – *La grotte de Pair-non-Pair à Prignac-et-Marcamps (Gironde)*. ISBN 9782908175080 2908175088. Bordeaux: Société Archéologique de Bordeaux.

LORBLANCHET, M. (1993) – Les tracés indeterminés. In GRAPP - *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 235-241.

LUÍS, L. (2008) – Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da Proto-história no Vale do Côa. In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.) – *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. ISBN 9788497185929. Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 415-438.

LUÍS, L. 2009 – «Per petras et per signos»: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In SANABRIA, M.; PRIMITIVO, J. (eds.) - *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres*. Cáceres: Junta de Extremadura/Museo de Cáceres, p. 213-240.

LUÍS, L. (2010) – A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: A arte rupestre do Vale do Côa. In OLIVEIRA, F.; OLIVEIRA, J.; PATROCÍNIO, M. (eds.) - *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. ISBN 9789729814228 9729814228. Coimbra: APEC/CECH, pp. 53-67.

MALAURENT, P.; BRUNET, J.; LACANETTE, D.; CALTAGIRONE, J. (2007) – Contribution of numerical modelling of environmental parameters to the conservation of prehistoric cave paintings: The example of Lascaux cave. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. ISSN 1350-5033. Vol. 8, nº 2, pp. 59-76.

MARCO SIMÓN, F. (1951) – Nuevas estelas ibéricas de Alcañiz (Teruel). *Pyrenae*. ISSN 0079-8215. Vol. 12, pp. 73-94.

MARCO SIMÓN, F. (1994) – Heroización y tránsito acuático: Sobre las diademas de Mones (Piloña, Asturias). In MANGAS, J.; ALVAR, J. (eds.) - *Homenaje a J.M. Blázquez*. Vol. 2. ISBN 8478823581 9788478823581. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 318-348.

MARCO SIMÓN, F. (2005) – Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. ISSN 1540-4889. Vol. 6, pp. 287-345.

MARKTEST [Online 2015] – Netscope. *Marktest*. [20 April 2015]. Available online:<URL:http://www.netscope.marktest.pt/>.

MARTÍNEZ-VALLE, R.; GUILLEM CALATAYUD, P. M.; VILLAYERDE BONILLA, V. (2008) – Grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de Castellón. In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.) – *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. ISBN 9788497185929. Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 225-236.

MENÉNDEZ, M. (1984) – La cueva del Buxu. Estudio del yacimiento arqueológico y de las manifestaciones artísticas. *Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos*. ISSN 0020-384X. Vol. 111, pp. 143-185.

MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORONS, J.L.; REYSS, J.L.; SELLAMI, F. (2006) – Fariseu: first confirmed open-air paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*. ISSN 0003 598X. Vol. 80, nº 310.

MOURE, A. (1981) – Algunas consideraciones sobre el "mundo de los grabados" de San Roman de Candamo (Asturias). In *Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*. ISBN 8474831822 9788474831825. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 339-352.

MOURE ROMANILLO, A. (1994) – Arte paleolítico y geografías sociales. Assentamiento, movilidad y agregación en el final del Paleolítico cantábrico. *Complutum*. ISSN 1131-6993. Vol. 5, pp. 313-330.

MUSEUMWEEK [Online 2015] – #MuseumWeek. *MuseumWeek*. [22 April 2015]. Available online: <URL: <http://museumweek2015.org/en/>>.

OBERMAIER, H.; VEGA DEL SELLA, C. de la (1918) – *La cueva del Buxu (Asturias)*. OCLC 6217520. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

OLMOS, R. (1996) – Caminos escondidos. Imaginarios del espacio en la muerte. *Complutum*. ISSN 1131-6993. Vol. 6, nº 2, pp. 167–176.

PEYTON, J. [Online 2014] – What's the Average Bounce Rate for a Website? *The Rocket Blog: Good, Bad, Ugly, and Average Bounce Rates*. [22 April 2015]. Available online: <URL: <http://www.gorocketfuel.com/the-rocket-blog/whats-the-average-bounce-rate-in-google-analytics/>>.

PIKE, A.; HOFFMANN, D.L.; GARCÍA-DÍEZ, M.; PETTITT, P.B.; ALCOLEA, J.J.; BALBÍN-BERMANN, R.; GONZALEZ-SAINZ, C.; HERAS, C.; LASHERAS, J.A.; MONTES, R.; ZILHÃO, J. (2012) – U-Series Dating of Paleolithic Art in 11 Caves in Spain. *Science*. ISSN 0036-8075. Vol. 336, nº 6087, pp. 1409-1413.

PINA, F. A. 2010 – *Acompanhamento Arqueológico da EN 222 (Beneficiação entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra)*. Report to IGESPAR.

PLISSON, H. (2009) – Analyse tracéologique de 4 pics d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air? In: AUBRY, T. (ed.) - *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. ISBN 9789898052148 9898052147. Lisboa: IGESPAR, pp. 436-443.

POPE, G. A.; MEIERDING, T. C.; PARADISE, T. R. (2002) – Geomorphology's role in the study of weathering of cultural stone. *Geomorphology*. ISSN 0169-555X. Vol. 47, nº 2-4, pp. 211-25.

POVEDA NAVARRO, A. M.; UROZ RODRÍGUEZ, H. (2007) – Iconografía vascular en El Monastil. In ABAD CASAL, L.; SOLER DÍAZ, J. A. (eds.) - *Arte Ibérico en la España Mediterránea*. ISBN 9788477848486 8477848483. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert»/Diputación Provincial, pp. 125–139.

PÚBLICO [Online 2015] – Mudança no algoritmo de pesquisa do Google pode afectar milhões de sites. Público. [22 April 2015]. Available online: <URL: <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/mudanca-no-algoritmo-de-pesquisa-do-google-pode-afectar-milhoes-de-sites-1693026>>.

QUESADA SANZ, F. (1997) – El armamento ibérico: Estudio tipológico, geográfico, funcional y simbólico de las armas en la Cultura ibérica (siglos VI-I a.C.). ISBN 2907303090 9782907303095 2907303104 9782907303101. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.

REAL, F. (2011) – Datas essenciais do Parque Arqueológico do Vale do Côa (1989-2011). *O Arqueólogo Português*. ISSN 0870-094X. Série V, Vol. 1, pp. 205-228.

REBANDA, N. 1995a – *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. OCLC 83096385. Lisboa: IPPAR.

REBANDA, N. (1995b) – Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre. *Boletim da Universidade do Porto*. ISSN 0871-7249. Vol. 25, pp. 11-16.

REIS, M. (2011) – Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. Em RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C.; SANTOS, A. T. (eds.) - *V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*. ISBN 978-989-658-184-8. Casal de Cambra: Caleidoscópio/DRCN, pp. 11–123.

- REIS, M. (2012) – «Mil rochas e tal...!»: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa. *Portugália*. ISSN 0871-4290. Vol. 33, pp. 5–72.
- REIS, M. (2013) – «Mil rochas e tal...!»: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (2a parte). *Portugália*. ISSN 0871-4290. Vol. 34, pp. 5–68.
- REIS, M. (2014) – Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa (conclusão). *Portugália*. ISSN 0871-4290. Vol. 35, pp. 17–59.
- ROYO GUILLÉN, J. I. (2004) – *Arte rupestre de época ibérica. Grabados con representaciones ecuestres*. ISBN 8489944474. Castelló: Diputació de Castelló.
- RIBEIRO, J.P.C. (ed.) (2009) – *O Museu do Côa - Cadernos Côa 01*. ISBN 9789898052100. Lisboa: IGESPAR/CECL.
- RIPOLL LÓPEZ, S.; MUNICIO GONZÁLEZ, L. J., (eds.). (1999) – *Domingo García: arte rupestre paleolítico al aire libre en la Meseta*. ISBN:8478468943 9788478468942. Valladolid: Junta de Castilla y León.
- SANCHES, M. de J. & TEIXEIRA, J. C. (2013) – An interpretative approach to "devil claw" carvings: the case of river Tua Mouth Shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). In ANATI, E. (ed.) - *XXV Valcamonica Symposium 2013. Art as a source of History*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 59-68.
- SANCHIDRIÁN, J. L.; MÁRQUEZ, A. M.; VALLADAS, H.; TISNÉRAT-LABORDE, N. (2001) – Dates directes pour l'art rupestre d'Andalousie (Espagne). *International Newsletter on Rock Art*. ISSN 1022-3282. Vol. 29, pp. 15-19.
- SANMARTÍ I GREGO, J. (2007) – El arte de la Iberia septentrional. In ABAD CASAL, L.; SOLER DÍAZ, J. A. (eds.) - *Arte Ibérico en la España Mediterránea*. ISBN 9788477848486 8477848483. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil.Albert»/Diputación Provincial, pp. 239–264.
- SANTOJA, M. (1984) - Situación actual de la investigación del Paleolítico inferior en la cuenca del Duero. *Portugalia*. ISSN 0871-4290. Vol. 4-5, pp. 27-36.
- SANTOS, F.; SASTRE, J.; FIGUEIREDO, S. S.; ROCHA, F.; PINHEIRO, E.; DIAS, R. (2012) – El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro. *Complutum*. ISSN 1988-2327. Vol. 23, nº 1, pp. 165–179.
- SANTOS, A. T. (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, M. D. J. (ed.) - *Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. ISBN 978-989-8052-30-8. Lisboa: DGPC, pp. 39-67.
- SANZ MÍNGUEZ, C. (1997) – *Los vacceos. Cultura y ritos funerarios de un pueblo prerromano del valle Medio del Duero. La necrópolis de Las Ruedas, Padilla del Duero (Valladolid)*. ISBN 8478467130 9788478467136. Valladolid: Junta de Extremadura/Museo de Cáceres.
- SAUVET, G. (1993) – Les signes pariétaux. In GRAPP - *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 219-234.
- SCHADLA-HALL, T. (1999) – Editorial: Public archaeology. *Public Archaeology*. ISSN 1465-5187. Vol. 2, nº 2, pp. 147-158.
- SEABRA, N.M. (ed.) (2004): *Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa. Concurso para o Projecto*. ISBN 9729942609 9789729942600. Librus/IPA: Lisboa.
- SIMILARWEB [Online 2015] – SimilarWeb. *SimilarWeb*. [14 April 2015]. Available online:<URL:<http://www.similarweb.com/website/arte-coa.pt?>>.
- SOLTERO, A. J. [Online 2012] – 5 Reasons Twitter is Better for College Students than Facebook. *The Social U*. [14 April 2015]. Available

online:<URL:<http://thesocialu101.com/5-reasons-twitter-is-better-for-college-students-than-facebook/>>.

SOPEÑA, G. (2004) – El mundo funerario celtibérico como expresión de un «ethos» agonístico. *Historiae*. ISSN 1697-5456. Vol. 1, pp. 56–108.

SOPEÑA, G. (2005) – Celtiberian Ideologies and Religion. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. ISSN 1540-4889. Vol. 6, pp. 347–410.

STORIFY [Online 2014] – Storify. *Storify*. [9 April 2015]. Available online:<URL: <https://storify.com/>>.

SUNDSTROM, L.; HAYS-GILPIN, K. (2011) – Rock Art as Cultural Resource. In KING, T. (ed.) – *A Companion to Cultural Resource Management*. ISBN 9781444396065 1444396064 9781444350746 1444350749 9781444396041 1444396048. Chichester: Wiley-Blackwell, pp. 351-70.

THOMAS, S.; LEA, J. (2014) – Public participation in archaeology. ISBN 9781843838975. Rochester, NY: The Boydell Press.

TRATEBAS, A. M. (2004) – Biodeterioration of prehistoric rock art and issues in site preservation. In ST. CLAIR, L.; SEAWARD, M. (eds.) – *Biodeterioration of Stone Surfaces: Lichens and Biofilms as Weathering Agents of Rocks and Cultural Heritage*. ISBN 1402028032 9781402028038 1402028458 9781402028458. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 195-228.

VALLADAS, H.; MERCIER, N.; FROGET, L.; JORONS, J.L.; REYSS, J.L.; AUBRY, T. (2001) – TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. ISSN 0277-3791. Vol. 20, nº 5-9, pp. 939-943.

VILLAVARDE BONILA, V. (1994) – *Arte paleolítico de la cova de Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos grabados y pintados*. ISBN 8477959633 9788477959632. València: Servei d'Investigació Prehistòrica.

VILES, H. A. (2002) – Implications of future climate change for stone conservation In: SIEGESMUND, S.; WEISS, T.; VOLLBRECHT, A. (eds.) – *Natural stone, weathering phenomena, conservation strategies and case studies*. ISBN 1862391238 9781862391239 1862391297 9781862391291. London: Geological Society, pp. 407-18.

ZILHÃO, J. (1995) – The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of “scientific” dating to historic or proto-historic times. *Antiquity*. ISSN 0003 598X. Vol. 69, pp. 883-901.

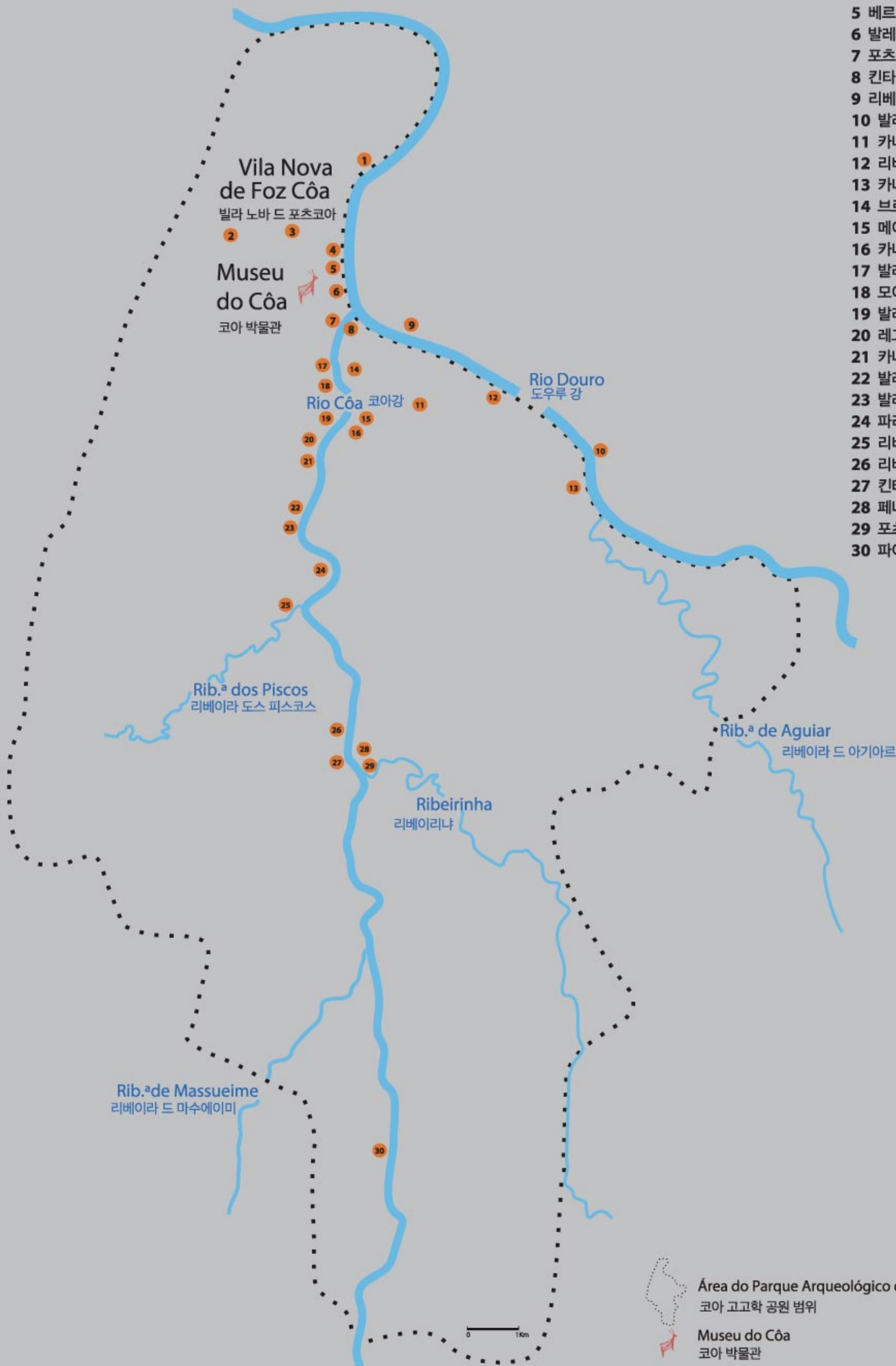
ZILHÃO, J. (ed.) (1997a) – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. ISBN 9728087373 9789728087371. Lisboa: Ministério da Cultura.

ZILHÃO, J. (1997b) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. ISBN 9728288506 9789728288501. Lisboa: Edições Colibri.

ZILHÃO, J. (2003) – Vers une chronologie lus fine de l'art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail. In BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO RAMÍREZ, P. (eds.) – *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. ISBN 8492190981 9788492190980. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.

코아 계곡의 구석기 암각화 유적 분포도

Sítios de arte rupestre paleolítica do Vale do Côa



- 1 발레 다 카사 Vale da Casa
- 2 투다오 Tudão
- 3 발레 드 카브로즈 Vale de Cabrões
- 4 불라 Bulha
- 5 베르멜로사 Vermelhosa
- 6 발레 드 조세 에스테베스 Vale de José Esteves
- 7 포츠 두 코아 Foz do côa
- 8 키타 다스 툴라스 Quinta das Tulhas
- 9 리베이라 드 우로스 Ribeira de Urros
- 10 발레 드 조안 에스퀘르도 Vale de João Esquerdo
- 11 카나다 다 모레이라 Canada da Moreira
- 12 리베이라 다 카브레이라 Ribeira da Cabreira
- 13 카나다 두 아로보 Canada do Arrovão
- 14 브로에이라 Broeira
- 15 메이자파오 Meijapão
- 16 카나다 두 아멘도알 Canada do Amendoal
- 17 발레 두 포르노 Vale do Forno
- 18 모이노스 드 시마 Moinhos de Cima
- 19 발레 데 모이노스 Vale de Moinhos
- 20 레고 다 비데 Rêgo da Vide
- 21 카나다 두 인페르노 Canada do Inferno
- 22 발레 드 비데이로 Vale de Videiro
- 23 발레 드 피게이라 Vale de Figueira
- 24 파리제우 Fariseu
- 25 리베이라 드 피스코스 Ribeira de Piscos
- 26 리베이라 다스 코르테스 Ribeira das Cortes
- 27 키타 다 바르카 Quinta da Barca
- 28 페나스코사 Penascosa
- 29 포츠 다 리베이라나 Foz da Ribeirinha
- 30 파이아 Faia